

O NOVO E O VELHO: MUDANÇA E PERMANÊNCIA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

José Batista Sales (UFMS)

Resumo

O texto traz indagações ou proposta para possíveis reflexões sobre a realidade ou o cotidiano das atividades da pós-graduação em letras, especificamente nos programas menores e ainda em fase de consolidação. De modo mais específico, questiona a ânsia produtivista em detrimento de se criar possibilidades para a implementação de condições de trabalho mais adequadas à reflexão com qualidade e que possa contribuir para os estudos literários.

Palavras-chave: *Pós-Graduação; Letras; Estudos Literários.*

Abstract

The text brings questions or proposal for any reflections on the reality or the everyday activities of graduate studies in letters especially in smaller programs and still in a consolidation phase. Specifically, questions the productivist desire at the expense of creating possibilities for the implementation of conditions of work more appropriate to reflect quality and that may contribute to literary studies.

Keywords: *Graduate Studies; Letters; Literary Studies.*

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, não abordarei nenhum problema teórico, analítico ou de interpretação de obras de criação estética ou teórico-crítica. Meu objetivo é o de expor algumas inquietações, talvez de ordem existencial, própria, talvez, de professor que contribuiu para a implantação de programa de pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 1998, e desde então acompanha sua trajetória e as transformações do sistema de pós-graduação no país.

Ao alinhar tais inquietações, estão presentes alguns colegas que estiveram comigo e que, superando condições adversas de trabalho, muito me ajudaram. Entre eles, Dercir Pedro de Oliveira, Aparecida Negri Isquendo, Paulo Nolasco, Maria Adélia, Alda do Couto Guisolphi e Rosana Zanelatto. E, de certa forma, são eles que evoco enquanto elaboro e exponho tais inquietações.

2. HISTÓRIA, TRANSFORMAÇÕES E ALTERNATIVAS

Com a criação do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) e da CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal Docente de Nível Superior), em 1951, todas as atividades relativas à pesquisa e à produção de conhecimentos estão reunidas nestas duas

plataformas. Desde a organização das áreas de conhecimento, criação de centros de excelências em pesquisa, estímulos a programas de pós-graduação, concessão de bolsas de estudos, até financiamento de pesquisa em geral. Todavia, a liderança foi sempre exercida por profissionais das chamadas ciências exatas e as humanidades sentiram-se invariavelmente alijadas da direção desses órgãos.

À medida, porém, em que se aprimoram as formas de fiscalização da distribuição de recursos e dos critérios administrativos, constata-se inquietante incapacidade “das humanas” para apresentar projetos relevantes em número suficiente em contraposição ao conjunto de projetos do núcleo duro do conhecimento. Ressalte-se que não me refiro à qualidade, mas principalmente a números.

Comparados com outras áreas do conhecimento, nosso poder de fogo em termos de projetos de pesquisa ainda é insignificante. E quais seriam as razões de situação tão preocupante? Não se trata de acreditar que seja apenas uma ou outra, mas um conjunto, uma gama de peculiaridades próprias das ciências humanas em geral e das letras e linguísticas em particular.

Sem a menor pretensão de verificar todas ou boa parte dessas causas, aqui vou me limitar a, praticamente, apenas uma: as vicissitudes do ensino de literatura, a nossa formação intelectual e os programas de pós-graduação.

Desde 1970, o curso de Letras vem gradativamente perdendo prestígio social, transformando seus egressos em profissionais insatisfeitos que, por sua vez, atuam, involuntariamente ou não, para desestimular o interesse dos estudantes mais talentosos, levando-os para cursos com mais prestígio social.

Com as exceções que confirmam a regra, nossos alunos de graduação e de mestrado possuem pequena experiência de leitura, desconhecem a literatura nacional e, da estrangeira, ouviram falar de uma obra ou outra, graças às versões cinematográficas ou televisivas. Mas o oferecimento de cursos de pós-graduação vem se alastrando país a fora e, além de tudo, é um sonho, um encanto e necessita continuar suas atividades. À primeira vista, existe demanda por mais e mais programas de pós em letras, não importando se localizados ou não em grandes centros universitários do país.

De tal forma, nossos programas de pós-graduação aumentam a cada ano, sempre com um número maior de matriculados do que o do ano anterior. Esses estudantes são submetidos a um regime fabril de produção de artigos, de comunicações em congressos e de conclusão de dissertação, com pouquíssimas chances de realizar um projeto de aprimoramento intelectual e

cultural, e a conseqüente formação de um espírito investigativo, portador de capacidade reflexiva e geradora de conhecimento minimamente transformador.

O universo das letras pátrias, por seu turno, envolveu-se num sistema de produção “pós-moderno” e aderiu ao jogo fácil do relativismo político, cultural e estético, talvez influenciado pela má consciência de classe, em que a ampliação do objeto do conhecimento corresponde à falta de rigor conceitual, embora com boa audiência de público.

De tal modo, o regime fabril de artigos aliado a mencionada falta de rigor conceitual encontrou sua versão mais visível na proliferação de publicações irrelevantes e aos ubíquos congressos com suas sessões de comunicação. Premidos pelo alto custo financeiro da organização do evento e diante da falta de recursos públicos, os promotores tornam-se pouco criteriosos, aceitando praticamente todas as inscrições “com apresentação de trabalho”. Situação exemplar é a do Congresso de Leitura (COLE), promovido pela Associação de Leitura do Brasil. Em sua 17ª edição, em 2009, contou com cinco mil participantes, 3002 trabalhos distribuídos em 384 sessões.

E se o objetivo da apresentação de trabalho é o de trocar experiências, aliás, extremamente louvável, é muito comum o “comunicador” de trabalho apresentar o seu “*paper*” e imediatamente sair da sala, sem ao menos ouvir a comunicação de seus pares ou possíveis indagações, críticas e sugestões ao estudo apresentado. E, recentemente, até componentes de mesa redonda ou algo próximo disso, se retiram após proferir a leitura de seu texto. Ou seja, todo o bom princípio da participação de congressos científicos foi por água abaixo, porque não estamos dispostos ao diálogo, a ouvir críticas ao nosso estudo, não aceitamos contestações à nossa genialidade. Estamos todos interessados em juntar certificados, em parecer produtivo, enfim.

É nesta corrida louca por produção, acossados pela exigência de mestrados e doutorados em prazos tão exíguos e precedidos por um sistema de ensino médio repleto de falhas na formação dos jovens, no sentido mais amplo do termo, que nos encontramos cada dia mais ignorantes, cada vez mais próximos de elaborações conceituais superficiais e, finalmente, adeptos de modismos.

Constatamos, nos dois pólos deste mundinho, o seguinte problema geral. Num pólo, recebemos do ensino médio jovens com enormes lacunas de formação no que diz respeito à cultura literária e ao domínio lingüístico. Até chegar à universidade, o aluno de letras não teve na literatura um instrumento ou agente de sua formação cultural. Raros são os calouros que se

apresentam ligados intelectual ou afetivamente a um poeta, ficcionista ou dramaturgo. Se consegue citar o título de uma obra, invariavelmente ignora o nome do seu autor.

Noutro, já não contamos com os grandes *scholars*, o mestre erudito e sábio, com amplo e profundo domínio sobre vários assuntos de uma área de conhecimento que alcança vinte e três séculos de transformações e rupturas. Hoje, os professores universitários dominamos frações ínfimas deste universo, mas nem sempre temos consciência disso e, juntos com nossos alunos, perpetramos invariavelmente grandes disparates que, ademais, poluem o meio ambiente e destroem as florestas.

No interior dos programas de pós-graduação em letras está ocorrendo forte abundância de teorias e muitas dessas com rarefeita proximidade com o objeto literário ou com a matéria verbal e, não raramente, até prescinde do texto literário. Se, nos programas de pós-graduação ditos consolidados, vive-se preocupante estado de incerteza da pertinência de tais opções metodológicas, nos programas ainda em consolidação, devido certamente às peculiaridades de seus corpos docente e discente, além da curta tradição em pesquisa de tal natureza, passamos das incertezas para a produção de trabalhos altamente questionáveis.

No instante em que associamos corpo docente nem sempre suficientemente sofisticado para abordagens teóricas ainda em elaboração com um corpo discente oriundo do atual sistema do ensino médio, submetido a regime de pós-graduação em que o tempo é sabidamente escasso e insuficiente para permitir a necessária maturidade reflexiva, a probabilidade de resultados pífios, discutíveis, senão descartáveis é enorme.

Não me parece boa política de pós-graduação insistirmos numa direção na qual abundam produções intelectuais desprovidas de qualquer conteúdo formador cultural e intelectual do pós-graduando, de inexistente impacto político e, portanto, eivadas de lugares-comuns, de ideias homogeneizadas e, quase sempre, sem nenhum sentido existencial para seu autor.

O professor de literatura jamais poderá deixar de acreditar na literatura, na poesia e, mais importante, desconfiar de toda e qualquer teoria. Boa parte desse arcabouço teórico tem um componente ideológico próprio da ideologia dominante, de reforçar o relativismo e a indiferença diante dos grandes problemas humanos, como, por exemplo, a exploração do homem pelo homem e a de luta de classes que alguns, inocentemente, acreditam que já foi superada. Mas a poesia ainda tem o poder ou o papel de contradizer a generalidade abusiva das ideologias, em especial das ideologias dominantes. E vou citar o professor Alfredo Bosi:

[...] as ideologias, em geral, racionalizam e justificam o poder. Há no sistema capitalista um uso constante, ideológico, da palavra, que procura convencer o usuário a transformar tudo em mercadoria e a consumir toda mercadoria como bem supremo. Ora, nesse contexto particular, que nós estamos vivendo, que é uma sociedade de consumo, em que tudo passa a ter um valor venal, a palavra lírica soa como uma mensagem estranha porque ela se subtrai a esse império da ideologia, nos remete a certos traços humanos, universais, a certos sentimentos comuns, à humanidade, como a angústia em face da morte, a indignação em face da opressão - enfim, a palavra lírica está em tensão com a ideologia dominante, e isso é um papel evidentemente dialético. (BOSI, 2004, p.3)

É necessário que reforçemos nossa prática de convencer nossos estudantes de que a literatura é relevante agente de conhecimento sobre o mundo, sobre os homens e suas paixões; enfim sobre a vida íntima e pública. E que deste conhecimento seja possível identificar as tensões e os antagonismos que ferem o mundo e a realidade. Caso contrário, corremos o risco de reforçar um sistema em que o humanismo torna-se a cada dia refém mais indefeso do conformismo e do consumismo capitalista.

Nós, professores, ignoramos ou abandonamos algumas categorias básicas, com lastro teórico construído com o necessário rigor e as substituímos por novos conceitos ainda em formação e, portanto, com grande probabilidade de incongruências. Sem contar o desconhecimento de línguas estrangeiras, mesmo que seja o inglês, que nos impede de ler obras teóricas em seus idiomas de origem. Talvez seja este estado de coisas que nos impele a orientar nossos mestrandos para trabalhos de interpretação, quando o mais salutar seria a possibilidade de os orientarmos para o exercício de compreensão de um conjunto, de um estado da arte. Enfim, de realizarmos estudos mais descritivos e menos teorizante.

Conseqüentemente, nossos mestrandos são forçados a ler uma quantia exorbitante de textos em tempo tão exíguo, dos quais absorve algo em torno de um quarto do que leu. A maioria das leituras realizadas transforma-se em massa amorfa e sem sentido. Seis meses depois de concluído o mestrado, pouco se lembra do que leu. Um terço das dissertações se constitui de resumos repetitivos e enfadonhos de um arcabouço teórico que, invariavelmente, pouco contribui para o problema teórico em pauta. Poucos são os nossos mestrandos que identificam, analisam e interpretam com propriedade alguma peculiaridade da natureza da linguagem literária, como metáforas, metonímias e outras construções mais complexas. De tal forma que a junção dessas pontas pode contribuir significativamente para a degradação de qualquer área do conhecimento.

Não podemos, é evidente, nos prender tão simplesmente aos procedimentos estruturalistas das décadas de 60 e 70 do século passado e nem ao *laissez-faire* muito comum em algumas correntes críticas opostas ao estruturalismo. É necessário reequilibrar nossas

intervenções e permitir que o texto literário ocupe o centro de nossos objetivos e que a literatura possa ocupar posição central no processo de formação cultural do jovem estudante.

Ao recusar os procedimentos estruturalistas, não nos voltamos à literatura, às obras propriamente ditas, mas a concepções teórico-metodológicas sobre as quais temos escasso domínio. Ainda continuamos compreendendo muito pouco do homem e do mundo, porque ainda não lemos as obras de arte literária. E, o mais gritante, desde a graduação, alguns estudantes tomam um único autor para estudos, transformando-se num curioso fundamentalista. Não se dispõem a estudar e compreender José de Alencar, mas acreditam saber tudo do autor que escolheram pra ele.

Se antes do advento do estruturalismo, o ensino de literatura se constituía em dominar os fenômenos sociais, históricos e políticos que teriam permitido o surgimento de tal obra e, em seguida, o estudo do domínio de determinada obra em certo contexto e em certo período, hoje, com a recusa do estruturalismo *tour court*, procuramos elaborar interpretações apoiados em instrumentos teóricos que pouco conhecemos e a consequência é a de ainda continuarmos sem conhecer o sentido humano da obra analisada.

Este modo de ser ou sistema de produção na pós-graduação brasileira é dominante em mais de 120 programas de mestrado e de doutorado em letras recomendados pela CAPES que procuram registrar suas publicações em 1540 periódicos registrados no sistema Qualis da mesma CAPES. Não podemos deixar de mencionar a situação das editoras universitárias, quase todas deficitárias e com péssimas condições de distribuição de suas publicações. Boa parte dessas editoras é dirigida por amadores, sem nenhum projeto editorial digno de nome e próprio de editor universitário.

Este é a meu ver um dos pontos que devemos abordar. Há necessidade real de se publicar tanto? Nós, professores e alunos, temos algo relevante para publicar? Quantos de nós merecemos uma segunda edição de nossos textos por pura e comprovada demanda editorial? Quantos de nós temos obras “adotadas” por cursos de graduação ou por outros programas de pós-graduação já consolidados?

Em que proporção esta fúria publicatória prejudica a consolidação do corpo docente dos programas de pós-graduação em estágio de consolidação? Ou seja, se ao invés de se publicar tanto, consumíssemos nosso precioso tempo refletindo e reelaborando nossos pontos de vista? Ou dando mais atenção a nossos orientandos, mesmo que fosse para fazê-lo igualmente pensar com mais vagar sobre o que lê, ouve e escreve?

Talvez seja pertinente lembrar que os estudos literários contêm uma componente própria da erudição, no sentido de demandar tempo mais largo e possivelmente mais lento para a obtenção do saber, o que não é necessariamente presente em outras áreas. Ademais, com a proliferação dos programas de pós-graduação em letras, há abundância de doutores e mestres disputando vagas de trabalho, de modo que não há mais urgência em diplomar novos mestres e doutores com o objetivo de formar corpo docente para as universidades brasileiras. Possivelmente, já estamos com número significativo de pós-graduados desempregados. Logo, não há sentido em se prosseguir numa vereda que nos levará ao vazio humano, ao niilismo estético, ao relativismo cultural e atraso científico.

3. CONCLUSÃO

Tenho convicção de que toda esta arenga é demasiadamente pessimista. Todavia, também acredito que, tirando algum excesso, cabem as perguntas: Tem que ser assim? Este é o único caminho possível? Estamos num caminho sem volta? Existem possibilidades e necessidade de correção de rumos? A quem interessa manter esta rota? Haveria alguma potência por trás disso tudo?

REFERÊNCIA

<http://www.universia.com.br/materia.jsp?materia=3672> ,2004